

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -

Número avulso
25 centavosRedacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GAMENT ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Notícia histórica do Monte e Convento da Franqueira

(TRANSCRIÇÃO)

(Da "Nobiliarquia Portuguesa", por Antonio de Vilas Boas—
1727 a pag. 95

O Monte da Franqueira, cujo nome parece derivado dos Francos, hoje Francezes, que em algumas das muitas vezes, que vierão a este Reyno, devião alli fortificar-se, ou ter algum successo notavel, que em elle lhes perpetuou a memoria: e por ventura da Franquia (esquecendonos do antigo Ophi) se derivou o nome ao Julgado, chamandose, com pouca corrupção, Faria: e não fazem pouco ao intento as cinco flores de Liz, que antes do Castello, erão heranças de armas antigas deste appellido, que por ventura forão herdadas de algum Francez illustre, do sangue real de França, a quem pertencem as flores de Liz) o qual vindo a este Reyno, e fundando a Villa, e Castello de Faria, os deixou com o appellido e armas a seus descendentes da familia de Faria. Não pareça cousa estranha, que com menos fundamento se engrandece na nobreza, e na antiguidade outras familias. A este monte sobranceiro ao mar, que delle se descobre, coroa a eminencia huma Ermida antiga de Nossa Senhora, cuja fundação se attribue ao grande Egas Moniz Ayo del Rey D. Afonso Henriques: sergia a Capella, que o tempo da Igreja sobre obra do Bispo D. Rodrigo Pinheiro, porque com suas armas sobre a porta. [No Altar desta Ermida está huma meza de pedra, na qual comia Calabancilla Senhor de Ceuta, e D. Affonso Conde de Barcelos, primeiro Duque de Bragança, quando se achou na tomada daquela Cidade com El Rey D. João I. seu pay, a fez tirar dos seus Paços, e trazer para aquele logar em trofeo da victoria e memoria do favor, que a Senhora lhe fizera em aquella occasião em que se vio com os mouros em grande aperto.

Tambem trouxe então dose colunas de jaspe, que pöz nos seus Paços de Barcelos, de que h je não ha noticia. Na mesma occasião, e do mesmo logar trouxe El Rei outras doze colunas, que deu ao Mosteiro de Santa Catherina da Carnota, sobre as quaes se armarão os arcos do claustro.

Depois da ruina do Castello de Faria, que ali se vem, mais abaixo, descendo pelo monte, está hum Convento de Religiosos de S. Francisco da Provincia da Piedade, que em aquella solitaria habitação, grangeão o Ceo, e povão na terra hum sitio agradável, a quem levantado a correntes de cristalinas águas, que a passeão, por entre fertilizados carvalhos, e copados castanheiros, que lhe servem de adorno. Foi fundado anno de 1505. Como a favor de D. Jaimes quarto duque de Bragança, que fez doação aos Religiosos de huma Ermida que havia em aquele monte, fabricada por Vicente o pobre, natural da Cidade do Porto, o qual sendo rico, e deixando tudo, por de todo se dar a Deus, veio para aquella sitio com sua mulher Catherina Affonso, onde fizeram esta Ermida, e casas terreas, em que passarão a vida, fazendo penitências. Alli estão sepultados a hum lado da porta da Igreja, com hum letreiro para a parte de fóra, de letra antiga, que diz assim: *Aqui jaz Vicente o pobre, e sua mulher Catherina Affonso, que partirão na Cidade do Porto era de 429. e fundarão este lugar. He anno de Christo de 391. em que estes bons casados lançarão a primeira pedra ao edificio daquela Casa de Familia, Franciscana, que he da invocação do bom Jesus de Barcelos, e huma das casas mais antigas daquela Provincia, cujos fundadores João Castelhanos, e entrarão neste Reyno no referido anno de 1505. No campo da feira da mesma Villa, fizeram depois os mesmos Religiosos outro Convento, com esmolas de novo, pelos annos de 1650 no Reynado de Rey D. João IV.*

NOTA: Respeitou-se a ortografia antiga.

Fra Casil

© Monte da Franqueira

Tô das as terras tem o seu «bijou» e dêle falam elevando-o o mais que podem, isto é, dizem o que na verdade sentem, para que

os outros, os que não sabem, fiquem conhecendo o que de atraente ali se produz.

Em Barcelos dá-se precisamente o mesmo.

Querendo trazer-se alguém aqui, fala-se-lhe do seu desenvolvimento local, mas de preferência incide-se a sua propaganda pelo Monte da Franqueira.

Na verdade, Barcelos pode ufanar-se de possuir um dos pontos mais belos do Minho.

Está a chegar o tempo de, tôda a gente que vá à Franqueira, se deixar embriagar com o surpreendente panorama que dali se desfruta.

A verdura dos prados, a mansidão das águas, prende e atrai, ou por outros, encanta quem tem a felicidade de ali ir.

A Franqueira, hoje, é para Barcelos o que o Bom Jesus é para Braga.

E' o seu mais que tudo.

Afirmam-nos, (e nós acreditamos) que a Comissão Administrativa da Contraria de N. S. da Franqueira, êste ano já conseguiu, que lá funcione um pequeno restaurante, o qual proporcionará certos confortos que até aqui bastante falta se faziam sentir.

E tando, como estão, projectados certos divertimentos no próximo verão, lá em cima, no Alto da Franqueira, bom é que o que se diz seja um facto.

Só assim se conseguirá fazer e tornar aquele Monte frequentemente visitado.

Oxalá assim seja. São os nossos votos.

Fra Casil.

Barcelos Antigo

Extracto do «Portugal antigo e Moderno» de
Pinho Leal

(Continuação do número 30)

Não se sabe com certeza aonde nasceu Gil Vicente, o *Plauto Portuguez*, fundador do nosso teatro.

Uns dizem que nasceu em Lisboa, outros sustentam que nasceu em Guimarães; mas é opinião mais seguida que ele nasceu n'esta vila de Barcelos.

Supõe-se que nasceu em 1475.

Foi muito estimado no paço e na côrte, onde se representavam as suas comédias.

Fiz as delicias do reinado de D. Manuel e D. João III.

Foi casado com D. B.anca Bezerra, de quem teve tres filhos: Gil Vicente (que segundo uns morreu menino e segundo outros morreu em combate na India); Luiz Vicente, editor das obras de seu pai, e Paula Vicente, senhora de muita intelligencia e notavel pela cultura do seu espirito.

Gil Vicente, além de bom poeta, era optimo compositor de musica, e de grande eliquencia.

Assim como ha incerteza na data e logar do seu nascimento, a ha tambem na data da sua morte.

Supõe-se que morreu em 1557.

O que é certo, é ter morrido em Évora, para onde tinha acompanhado a côrte e jaz no Convento de S. Francisco de Evora.

A compilação das suas obras, que compreende autos, comédias, tréje-comédias, farças e muitas poesias, foi pela primeira vez publicada, em Lisboa em 1562.

Erasmo, esse grande restaurador das letras, deu-lhe o primeiro logar entre os poetas comicos modernos e aprendeu o portuguez só para poder melhor apreciar as belezas de Gil Vicente.

Este era não só autor mas tambem actor eximio.

A musica das suas comédias era tambem composta e cantada por elle.

Alguns escritores sustentam que o primeiro filho de Gil Vicente, e do seu mesmo nome, morreu menino.

Outros dizem que não existiu tal filho, pois que o poeta só tivera dois filhos, Luiz e Paula.

D'esta opinião é João Batista de Castro, que attribue a Luiz Vicente o autor dos *Captivos*, ou de *D. Luiz de los Turcos*, que outros dizem ser obra do tal Gil Vicente, filho.



O Evangelho

Disse Jesus ás turbas dos Judeus: «Quem de vós me argüe de pecado? Se vos digo a verdade, porque não me acreditais? Quem é de Deus ouve a palavra de Deus. Porém vós não a ouvis, porque não sois de Deus». Responderam-lhe os Judeus: «Não dizemos nós bem que és um Samaritano e tens iudão?» Respondeu Jesus: «Eu não tenho demónio, mas honro a meu Pai, e vós não me honrastes. Eu não procuro a minha glória: quem a procura será julgado. Na verdade, na verdade vos digo: quem guardar as minhas palavras não padecerá a morte eternamente». Disseram os Judeus: «Agora sabemos que tens demónio. Abraão é morto, e tu dizes: Quem guardar as minhas palavras, não padecerá a morte eternamente. Então tu és maior que o nosso pai Abraão, que é morto? e os profetas mortos estão. Quem te fazes?» Respondeu Jesus: «Se eu glorifico a mim mesmo, nada é minha glória: é meu Pai quem me glorifica, de quem vós dizeis que é vosso Deus e não conhecestes: eu porém o conheço; e se disseis e que não conheceis, era como vós, mentiroso. Eu sei quem elle é e conserto as suas palavras. Abraão, vosso pai, exultava por ver o meu dia; viu, e se alegrou.» Disseram os Judeus: «Não tens cincoenta anos e viste Abraão?» Disse-lhes Jesus: «Na verdade, na verdade vos digo, antes que Abraão fosse feito, eu sou.» Tomaram então pedras, para lhe atirarem: Jesus porém escondeu-se e saiu do templo.

A Paixão de Jesus Cristo meditada

Abraão, vosso pai, ardeu em desejos de ver o meu dia; viu, e alegrou-se.

Entramos no tempo litúrgico da Paixão, consagrado pela Igreja a comemorar especialmente a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. São as duas últimas semanas da Quaresma: Semana da Paixão e Semana Santa. Continuam os altares orlados com a côr rôxa, que é a do luto da Igreja, para nos dar a entender a dôr que sente pelas penas de Jesus Cristo, e para concentrar mais a atenção dos fiéis na Cruz, nos mistérios da Paixão, ocultando-nos a vista das imagens. E para conseguir este mesmo fim, os Evangelhos que se leem nestes dias falam da Paixão do Senhor, das injúrias e perseguições que sofreu, como prelúdios da sua Paixão e morte.

Seguindo, pois, o espírito litúrgico da Igreja, vamos tratar nesta prática da necessidade que temos de meditar a Paixão de Jesus Cristo, e o modo de o fazer assiduamente, especialmente nestes dias, com fé e devoção.

Disputando Nosso Senhor com os Judeus, nos pórticos do Templo de Jerusalem, seis meses antes da sua Paixão dolorosíssima, e quando já eles o perseguiam com ódio de morte, disse-lhes, entre outras coisas, conforme nos refere o Evangelho de hoje: *Abraão, vosso pai, ardeu em desejos de ver o meu dia; viu, e alegrou-se.* Este dia que o patriarca Abraão tanto desejava ver, atravez de dois mil anos que ainda tinham de decorrer até que se realizasse, era, segundo S. João Crisóstomo, o grande dia da Paixão, que Abraão contemplava no sacrificio do seu filho Isac. Viu-o com espírito profético, e soube-o também em revelação quando Jesus pregava, estando o patriarca no limbo. Se tanto se preocupava Abraão com a Paixão do Senhor, que no seu tempo só se realizára em figura, quanto mais nos há-de interessar a nós, que vivemos depois de se cumprir, e que a conhecemos com tantos pormenores?

I. — Efectivamente, porque são muitos e poderosos os motivos que nos obrigam a pensar na Paixão.

1. — *A magnitude e excelência de suas dôres.* Toda a vida de Jesus Cristo foi uma paixão continua, porque vinha para pagar por todos os pecados que se cometem no mundo; mas especialmente durante os três anos de sua vida pública o acompanhou por toda a parte a contradição e a luta de seus inimigos, como estava profetizado por Simão, quando o menino Jesus foi apresentado no Templo. (Luc., II, 34). Assim o vemos no Evangelho de hoje e de todos estes dias, onde se refere como os Judeus o afrontavam, chamando-lhe *samaritano*, que para elles equivalia a hereje ou cismático, e dizer isto a alguém considerávasse como uma vilania, e, além disso, tentaram apedrejá-lo, e a cada passo lhe armavam ciladas para o confundir.

Mas quando chegou o dia em que o próprio Jesus se entregou nas mãos dos seus inimigos, dizendo-lhes: *esta é a vossa hora e o poder das trevas* (Luc., XXII, 53), não teve limites a raiva dos seus perseguidores. Choveram sobre o Senhor acusações, calúnias, afrontas, escárnios, bofetadas, escarros, açoitamentos e espinhos; sentenciaram-no á morte, obrigaram-no a levar a cruz, cravaram-no nela e deixaram-no morrer assim no meio de tormentos, enquanto a multidão, ébria do seu sangue, applaudia e zombava da vítima.

Vem aqui bem a propósito as palavras de S. Paulo: *Considerai aquelle que sofreu tal contradição dos pecadores contra si; para que não vos fatigueis, desfalecendo em vossos ânimos.* (Hebr., XII, 3). Vê-te quem é que padece, o que padece, por quem padece, de quem padece, porque padece, e isto vos causará admiração e dôr, amor e gratidão para com um Senhor que tanto quiz sofrer, e sem nenhuma necessidade própria, só para nosso bem.

2. — O desejo do próprio Jesus Cristo.

O Senhor quer que recordemos a cada passo a sua Paixão santíssima, e que a meditemos; por isso falava dela com frequência, como consta dos Evangelhos, e até no meio das suas glórias, no monte Tabor, falava da morte afrontosa que havia de sofrer em Jerusalem. (Luc., IX, 31). Depois de ressuscitado, quiz conservar os estigmas das cinco chagas, que recordam sua Paixão e morte, e assim está com elas no céu. Quis na sua Igreja que por toda a parte campeasse a cruz, e que fossem frequentes nas igrejas os quadros representativos da sua Paixão, e que se representasse muitas vezes o Sacrificio dos nossos altares, representando vivamente o da Cruz, e que pela sagrada Comunhão se recordasse a memória da sua Paixão e morte.

Poderá haver provas mais expressivas do ardente desejo que o Senhor tem de que meditemos as suas dôres?

3. — Os proveitos que obtêmos.

Mas se as razões precedentes nos não obrigarem ainda, mova-nos ao menos a ideia dos proveitos que se obtêm; não digo da própria Paixão, a qual já sabemos que é a fonte de todos os nossos bens, mas da meditação piedosa e da simples lembrança da Paixão e morte de Jesus Cristo.

O Apóstolo S. Paulo diz no texto que acima citamos, que a memória dos padecimentos de Jesus nos confortará, para que o ânimo não desfaleça nos trabalhos da vida. «Quem poderá dizer que sofre injustamente, exclama S. Afonso de Ligório, olhando para Jesus magoado e atormentado pelos nossos crimes?» «Quem poderá recusar as ignomínias, continúa o mesmo Santo, se vê Jesus tratado como um louco, rei de comédia ou malfetor, esbofetado, azorragado, coberto de escarros e cravado num infame madeiro?» E diz S. Boaventura que «não há exercício mais útil para santificar a alma do que a meditação frequente das penas de Jesus Cristo». Nesta escola

se formaram os santos, como S. Francisco de Assis, Santo Tomás de Aquino, S. Boaventura. E vale mais esta meditação do que peregrinar a Jerusalem ou jejuar a pão e água, afirmação que se atribui a Santo Agostinho.

II. — Esta meditação é própria para todos os tempos, idades e occupaões; mas de um modo especial para estes dias. Como?

1. — Com a assistência á santa Missa.

Renova-se na Missa o Sacrificio da Cruz e aplicam-se os seus frutos. Por isso, a melhor maneira de a ouvir é concelebrá-la com o sacerdote, isto é: rezá-la atenta e devotamente pelos Misericórdios que já temos em português, profundar as orações litúrgicas, aprender as lições oportunas das Epístolas, saborear o mel dos Evangelhos, extasiar-se no Cação, comungar fervorosamente após a comunhão do celebrante, dar graças com elle por tantas finezas do infinito Amor de Jesus.

2. — Com o exercício da Via-sacra.

Percorram-se com devoção os passos do Calvário, desde a agonia de Jesus no Horto, após a ultima Ceia em que foi instituído o Santíssimo Sacramento, até á deposição no túmulo do Corpo do Senhor; ganham-se assim inúmeras indulgências.

3. — Assistido o mais assiduamente possível ás solenidades religiosas nas igrejas, como são os sagrados Lausperenes, rezar os mistérios dolorosos do Rosário e a Côroa da Nossa Senhora das Dôres.

Cristãos: «E' esta a mais sublimi filosofia, a de Jesus Cristo crucificado», diz S. Bernardo. Este conhecimento adquire-se com a meditação da Paixão do Senhor, tão grandiosa, tão desejada, tão proveitosa. Assisti á santa Missa liturgicamente, comungai com fervor, fazei o Exercício da Via-sacra todos os dias, visitai Jesus Sacramentoado, ou por ocasião do Sagrado Lausperene ou escondido no Tabernáculo, e rezai o vosso terço até mesmo durante as occupaões domésticas.

Calendário da Semana

ABRIL

- 2 Domingo. S. Francisco de Paula, C. — Lausperene na Igreja do Hospital.
- 3 Segunda. S. Ricardo, B. C.
- 4 Terça. S. Isidoro, B. C. D. — Lausperene na Igreja de Maximinos.
- 5 Quarta. S. Vicente Ferrer, C.
- 6 Quinta. S. Sisto, P. M. — Lausperene na Igreja dos Congregados.
- 7 Sexta. As 7 dôres da Bemaventurada Virgem Maria.
- 8 Sábado. S. Amâncio, B. C. — Lausperene na Igreja de S. Vicente.

Comunhão a pedir a paz universal

A Direcção da Junta Diocesana da Associação Protectora das Raparigas, unindo-se ao movimento promovido pela Liga Internacional das Associações Femininas Cristãs, promove para o dia 6 de Abril corrente nesta cidade de Braga uma comunhão de senhoras com o fim de impetrar de Deus a paz universal, tão ameaçada nos nossos dias. Esta comunhão será administrada por Sua Ex.ma Rev.ma o Sr. Arcebispo Primaz no templo e hora que vai ser marcada.

Bom seria que em outras localidades se seguisse este exemplo tão edificante e necessário.

VARIEDADES

Canção das Pedras da Rua

Sômos as pedras da rua
Pisadas por toda a gente.
Que sorte mísera e crua!
E que destino inclemente!

As outras irmãs pedrinhas,
Que estimadas que elas são!
Só nós, as engeitadinhas,
Sômos as pedras do chão!

Quem nos dêra ver erguidas
Nesses montes altaneiros,
Fellas pedrinhas de ermidas
Ou pedrinhas de cruzeiros!

Vida de amor e carinhos
Que nos faria felizes;
Seremos a mó dos moinhos,
Boquinhas de chafarizes...

A pedrinha das lareiras,
A arder no inverno cruel;
Ou a pedrinha das eiras
Tôda a rir no S. Miguel...

As outras irmãs pedrinhas,
Que estimadas que elas são!
Só nós as engeitadinhas,
Sômos as pedras do chão!

Matias de Lima.

SONETO

Dedicado por D. Pedro 2º Imperador do Brazil
à sua falecida esposa Imperatriz D. Tereza Cristina.

Corda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vais, oh doce companheira,
Da fortuna e do exílio verdadeira
Metade de minh'alma entristecida!

De agosto e velho tronco hastea partida
E transplantada á terra brasileira,
Lá te fizeste á sombra hospitaleira
Em que todo infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratidão, no seu delírio,
Caíste e eu fico a sós, neste abandono,
De teu sepulcro vacilante cirio!

Como foste feliz! Dorme o teu sono...
Mãe do povo, acabou-se o teu martírio;
Filha de reis, ganhastes um grande trono.

Reflexões de uns e de outros

O maior defeito da água é saciar a sede.

Um taberneiro.

P'ra que lavar a louça do almoço, se tem que se sujar ao jantar?

Uma cozinheira.

A humanidade seria mais perfeita se todas as mulheres tivessem barba.

Um barbeiro.

Se os homens usassem ferraduras gastariam menos calçado.

Um ferrador.

Porque não ser noite durante o dia?

Um gatuno.

Seção charadística

CHARADAS

EM VERSO

(Ao distinto charadista Lebricho, agradecendo a amável dedicatória do seu enigma.)

Numa destas horas más
Em que até se perde a vida,
Viu-se, há tempos, envolvida,
A prima do José Vaz.—1

Ela namora um rapaz,
Que faz corte à Margarida,
Mulher danada, atrevida.—1
Que não conhece o que é paz.

Há dias a Margarida,
Pelo ciume movida,
Bateu na "mulher" rival.—2

Mas o Vaz, que é lá d'aldeia,
Deu-lhe, então, uma tarefa
Que a "mulher" foi p'ró hospital.

Élio.

Tu, tocando violinha, 2
E eu tocando tambor.—2
Desde manhã à noitinha;
Ganharemos a vidinha
A tocar junto ao ascensor,

H. Raio.

EM FRASE

Com o devido respeito ao Ex^{mo}
e Rev^{mo} Snr. Arcebispo Primaz de Braga.

Assim como o Sumo Pontífice aprecia os frutos com que se alimenta a fontinegra—2-3; assim V.^a Ex.^a Rev.^{ma}, por todos os motivos veneravel, aprecia e considera Sua Santidade. 2-2

Lebricho

A felicidade vê no homem uma flôr.—2-1

Élio.

SINCOPADAS

(por sílabas)

3—Atum é peixe?—2

3—Sou querido por ser afavel.—2

3—Para que Deus me dê socêgo, lhe imploro a todo o momento.—2

Madre Helena

3—Aquele patife canta deliciosamente uma canção portuguesa.—2

Élio.

Cá de casa a cosinheira,
P'ra que eu não possa pecar;
Na quaresma, à sexta-feira,
3—Só me dá peixe ao jantar.—2

Lebricho.

ENIGMA

A vida alheia mais que mesmo a sua,
Na minha frequência à plebe immorta;
Em vez de cada qual ir tratar d'horta
Nos outros o que vai averigúa.

Em casa, entre família, ou na rua,
De todos na casa quem não corta? .
Não poupam nem a gente que é já morta
Ninguém de vir à baila se exceptua.

Por quem para casar espera a Rita,
Da terra a sarandalha usca aflita,
Que já por demais julga longo o praso.

Será por Juvenal ou Agostinho?
Por Pedro, Paulo, Sancho ou Martinho?
Porque homem spera, sabem por acaso?

DIORESSÃO GEOGRÁFICA

Por motivos ignorados
Sei que acaba de ser presa,
E mandada entre soldados
Uma senhora holandesa.

L. Heitor.

ENIGMA TIPOGRÁFICO

(12 LETRAS)



Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no número 11 são: Deperecer perecer Penhas-penhascos, Pevide-pede, Perreiro-perro, Liberto-Lito, Fachudofado, Individuo, Despejo, Cabriola, Viana do Castelo e Grão e grão enche a galinha o papo.

As dos publicados no número 12 são: Sapal-lapas, Amortecer, Ergotina, Pupunha, Remansoso, Racontorato, Árdua-ara, Dumas-Dumas, Estarreja e Desaconchegado.

Lebricho.

Considerações oportunas

O verdadeiro Católico

O Senhor Arcebispo Primaz, com todo o zelo dum verdadeiro pastor, acaba de publicar dois importantísimos documentos a respeito das Confrarias e romarias, dizendo, com toda a precisão e clareza, o que os fiéis devem pensar e praticar acerca destes dois importantes meios de acção católica e de piedade cristã. Para êles chamamos a atenção de todos os católicos. E, a propósito, algumas considerações, que todos devem ter bem gravadas em seu espirito e que infelizmente andam esquecidas ou ignoradas de muitos que se prezam de católicos.

Como todos devem saber, a Igreja Católica foi destinada a perpetuar a verdadeira religião neste mundo, entre os homens, até á consumação dos séculos. Jesus Cristo estabeleceu-a, instituindo Pastores, que rrialmente são encarregados de continuar a sua obra, isto é, pregar a sua doutrina e mandar em seu nome. Todos sabem como os Apostolos vieram a ser os primeiros Pastores da Igreja. Foi Jesus que os escolheu, que os chamou dizendo-lhes em substancia: «Todo o poder me foi dado no Ceu e na terra. Ide pois, em meu nome, pregar, baptizar, perdoar aos pecadores; estarei convosco até á consumação dos séculos. Eu vos transmito o poder, que recebi de meu Pai; delego em vós a minha auctoridade, Eu vo-la confio; sereis no mundo os meus substitutos, os meus representantes.»

Na origem do Cristianismo, os Apostolos exerceram efectivamente a missão, de que foram incumbidos. Os Bispos, seus sucessores, herdaram a mesma auctoridade, que dos Apostolos receberam e, como eles, a tem exercido através dos séculos, instruindo e governando os povos em nome de Jesus Cristo.

Ora Jesus Cristo não confiou aos Pastores a missão de mandar, sim, ao mesmo tempo, impor aos fiéis a obrigação de obedecer. Jesus não podia erigir uma auctoridade soberana na sua Igreja, sem exigir que ella fosse escutada docilmente e sempre respeitada, por todos, em toda a parte.

Daqui a obrigação, para todo o cristão, de se submeter e obedecer humilde e prontamente a todos as leis, e todas as prescrições, emanadas da Igreja. E' que a Igreja, na pessoa de seus Pastores, é a representação viva, a continuação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Recordemos em que termos N. Senhor se identifica com eles: «Falai, disse-lhes, e que ninguém despreze as vossas palavras, as vossas ordens; eu tomarei como feito a Mim o que a Vós fór feito, de qualquer forma que seja. O que a vós escuta, a Mim mesmo escuta; quem vos despreza, a Mim despreza. Eu tenho direito ao respeito e á obediencia dos homens. Ora este direito eu vo-lo transmito. Ide; quero que sejais respeitados e obedecidos como se fôra Eu próprio.»

Ouçamos, pois, a voz dos nossos Pastores saibamos cumprir, sempre e sem réplica as suas ordens. Este é o dever do verdadeiro Católico.

SILVIO.

«A Voz do Domingo»

E' o título de um jornalsinho, irmão da Cruzada, que principiou a sua publicação na cidade de Leiria. Apresenta-se como semanário católico de propaganda religiosa. Não pode ter melhor apresentação nem melhores propósitos. Estamos na época do bom combate e dos grandes sacrificios. Bem vindo seja o colega Que Deus lhe dê largos dias e ótimos frutos de apostollado.

Agradecemos a visita.

Faria e Sousa, Diogo Barboza Machado e outros, sustentam que existiu esse filho primogenito, de nome de seu pae; e que este filho desenvolveu um tal talento na poesia comica, que causava admiração a todos e que prometia eclipsar em breve seu pae, que tomado de inveja, o fizera embarcar para a India, onde, depois de haver mostrado que era tão bravo militar como primoroso poeta, morreu em uma batalha dada contra o inimigo da patria.

Se isto é certo, de Gil Vicente, filho só resta o tal auto dos *Captivos* ou *D. Luiz de los Turcos*.

Tambem ha quem diga que Gil Vicente, (pae) morreu na indigencia, o que me não parece provavel, visto ser opinião geral acompanhar sempre a corte.

Aqui nasceu o padre Belchior da Graça, bom teologo e escritor estimado no seu tempo.

Regeitou a mitra do Funchal, por ser nomeação do usurpado Filipe III, de Castela.

Este acto de nobre patriotismo, não serviu de exemplo a muitos portuguezes, que aceitaram titulos, comendas, honras e dinheiro, dos tres usurpadores castelhanos.

Barcelos é patria d'outros muitos varões inegnes pelas armas, pelas letras e pelas virtudes; e cujas biografias fariam extensissimo este artigo.

(Continúa)

Era Casil.

As raças históricas na Lusitania

(Transcrição)

II

(Continuação do número 30)

O vascouço é, sim, a lingua primitiva mais pura; e nem podia deixar de o ser; mas não se pode concluir d'isto que a lingua portuguez, que tem a mesma origem comum, seja dela derivada.

São linguas co-irmãs e muito próximas; facto importantissimo que vem em abono da grande independência, e individualidade da raça lusitana, a qual não deixou, um só momento de resistir ao estrangeiro, como teremos occasião de vêr adiante.

A lingua portugueza é uma das que mais se aproximam da lingua falada no alto da montanha da Cantabria, onde ainda hoje se respira o ar primitivo da velha península ibérica!

Que meditem nisto os filologos latinistas!

Todos os nomes, ou quasi todos, das nossas cidades, vilas, aldeias, rios e montanhas, são derivados da lingua primitiva.

As terras jámais perderam os seus nomes próprios.

As provincias—Minho, Douro, Beira, Tréz-os-Montes, Estremadura, Alentejo, e mesmo (quem sabe?) Algarve ou Algarbe,—são puramente peninsulares ou celticas.

Os rios—Minho, Douro, Mondego, Alba, Nabão, Vouga e outros mais,—nem são romanos, nem gregos, nem fenícios, mas puramente celticos.

A palavra—Iberia—que designa toda a extensa região da península é também de origem celtica.

Uns querem que o «Tejo» tenha uma origem fenicia, bem como «Li-boá», enquanto outros dizem que «Tejo» é um vocabulo celtico; e parece mais aceitavel esta opinião pelas muitas terminações em *ej* e *eijo* que se encontram na nossa lingua natal.

«Guadiana» sustenta Herculano que é fenicia, bem como Lusitania, fundado na opinião de Rochart; mas nada o demonstra.

Se as radicais em *an* designassem uma origem fenicia, deviamos concluir que «Viana» (povoação que fica defronte de Logroño, no reino de Navarra) era também fenicia, o que seria levar a muito longe o dominio desta raça na península e cair portanto no exagero.

Além disso, segundo a opinião de Ribeiro dos Santos, Viana em vascouço significa «Vê, ali os dois»,—o que combina com a posição daquela povoação que fica defronte de Logroño separada pelo rio Ebro.

Mesmo com respeito a «Li-boá», tanto se pode dizer que provenha do fenicio Ossabuna («baía amena») como do grego Olioshy-po («logar de cavalos»).

Inclinamo-nos para esta opinião, que parece mais conforme com a História e a localidade.

E' sabido que antigamente se disse O'yisipo em vez de Lisboa.

A situação desta cidade ao pé das lezírias do Tejo, onde abundam os cavalos, também se conforma com a etimologia grega.

«Uma das notas (fiz Ribeiro dos Santos) mais características porque a nossa lingua se conforma com o vascouço é a forma das

terminações de muitos dos seus nomes, isto é, as sílabas que junta ao fim das palavras radicais, para formar derivados de toda a especie de nomes adjectivos, verbos e participios».

Assim as terminações em *anga*, que formam *abastança*, em *ancia*, que formam *importancia*.

Dz ele que as terminações em *ancia* costumam mudar-se em *ença*, como *avença*, exactamente como no vascouço.

As terminações em *aria* são mui frequentes também nas duas linguas.

«Era (diz o auctor acima referido) grande o numero que dantes tinhamos destas terminações; assim diziamos antigamente *alcoataria*, *argentaria*».

Há (diz ainda o mesmo escritor) outra terminação na nossa lingua da mesma estofa do vascouço, qual é a de *eira* que certo não é latina.

São inumeros os exemplos».

Temos mais as terminações em *eria*, *eza* em que abundam as duas linguas.

(Continúa)

Era Casil.

Carta de Barcelos

Este ano não há mudança de hora official.

—Foi muitissimo concorrida a votação para aprovação do plebiscito nacional.

—Tem estado gravemente enfermo o Sr. Manuel Lopes de Carvalho filho do nosso muito amigo João José de Carvalho

Fizemos votos pelas suas prontas melhoras.

—A Comissão das Festas das Cruzes já iniciou o seu *peditório* para poder levar a cabo a árdua missão de que se incumbiu.

—Continuam com grande actividade as obras camarárias custeadas pelo fundo do «Desemprego.»

—Esteve no Porto o nosso amigo António Dias Gomes, comerciante desta praça.

—Têm-se inscritos muitos alunos nos cursos noturnos das escolas «Gonçalo Pereira» e «Campo da Liberdade» e grande numero de operários no curso regido no Circulo Católico, sob a direcção do Sr. P.^o Bonifácio Elias Lamela.

—Na pretérita 5.^a feira passou aqui o dia o Ex.^{mo} Sr. Dr. José Gomes de Matos Graça, illustre Governador Civil do Distrito.

—Tem estado nesta cidade de visita a sua familia o Snr. Dr. Henrique Barbeitos Pinto, distinto clinico na Capital.

—Algumas senhoras desta localidade vão promover uma *festinha de igreja* a S. José que se venera na sua capelinha no Campo do seu nome.

—Pela Direcção dos Monumentos e Edificios Nacionais foi concedido o subsidio de 20.000\$00 Esc. (vinte contos) para obras na Igreja Matriz desta cidade.

Vão assim sendo satisfeitos os desejos do Prior P.^o Joaquim Gaio-lar. Parabens.

—O tempo continua bastante irregular dando lugar a que a gripe não nos largue.—C.

Carvalho, 29-III-1933

E' grande o jubilo e satisfação nesta freguesia por poder dentro de poucos meses gloriar-se de possuir uma estrada devidamente calçada desde o logar de Meões, até à igreja paroquial. Pena é que não fosse um pouco mais além este melhoramento, pelo menos até ao logar de Fatões, onde se espera a construção da nova escola nesta freguesia.

Sim: é preciso, que se saiba que esta freguesia tão linda e tão próxima à cidade de Barcelos, ainda não possui uma escola!!!

—No pretérito domingo baptizou-se na igreja paroquial uma interessante menina com que a Snr.^a Elisa Ferreira prendou o nosso amigo e prezado assinante, Manuel Joaquim Ferreira. Recebeu o nome de Maria.

—Principiou a primavera e com ela melhores dias, menos frio, pois o tempo que tem feito é de rigoroso inverno.

“Ecos da Franqueira,”

Encontram-se na C.^a Editora do Minho, Barcelos, os recibos, dos assinantes deste semanário a quem pedimos encaercidamente o obséquio de os procurar, afim de nos evitar as despesas do correio.